

*Apresentação***MODERNIDADE PERIFÉRICA E MODERNISMO NEGRO:  
CEM ANOS DEPOIS DE 22***Jorge Augusto Silva\**

O ano de 2022 foi marcado no ambiente acadêmico e cultural brasileiro pelo debate acerca dos duzentos anos de independência, como também, pelo centenário do modernismo brasileiro, tomando como marco a semana de arte moderna de 1922.

Este dossiê busca se comprometer diretamente com o segundo tópico, investindo primeiro em uma concepção mais ampla de modernismo, buscando entender como expressões estéticas críticas ao projeto euro-moderno, não apenas aquelas conhecidas como vanguardas históricas, mas as diversas formas éticas e estéticas pelas quais a população negra em África e na diáspora elaboraram sua experiência da modernidade. Nos interessou compreender, ainda, como essas expressões se desdobram nas produções contemporâneas da literatura e cultura negra pelo mundo.

Esse pensamento está comprometido, portanto, com o que se encontra na chamada desse dossiê: *As expressões da cultura negra na diáspora foram consideradas por Paul Gilroy como “contracultura da modernidade”. A música negra, por exemplo, do soul ao rap, teria cumprido papel decisivo no desenho de uma comunidade negra de caráter transnacional e diaspórica, o “Atlântico Negro” (Gilroy, 2001). Também se opo a uma incorporação apolítica da experiência negra no moderno ocidental, Felwine Sarr expõe a possibilidade de considerarmos a existência de modernidades alternativas, negando ao ocidente não apenas a gênese dessa ideia, mas também sua exclusividade (Sarr, 2019). Proposições como essas alertam para o fato das mediações estéticas que modularam as formas de encontro e convívio da população negra nos diversos territórios da diáspora e que nortearam sua arte e suas formas de socialização não terem se esgotado nos modelos fornecidos pela Europa, tais como as comunidades nacionais. Sendo assim, as expressões estéticas devem ser lidas como produções que agenciam uma crítica negra do projeto moderno, espalhadas pelos diversos*

---

\* Docente do Instituto Federal Baiano e da Universidade estadual do sudoeste da Bahia (UESB). Poeta e Doutor em Literatura e Cultura – UFBA.

*modernismos existentes no Atlântico negro, do movimento da negritude antilhana, passando pela literatura negra e periférica, no Brasil, pelo hip hop americano etc.*

Embora seja inegável a centralidade da experiência negra, e também da indígena para a compreensão da modernidade e, conseqüentemente, dos modernismos em nossas letras, os debates acerca da temática durante o ano de 2022 se dividiram, a grosso modo, em dois grandes blocos: a) o festivo e acrítico, louvando o legado modernista sem pensar suas contradições e suas esquinas e, sobretudo, sem considerar seu papel decisivo no desastre racial que é a nação brasileira; b) de outro lado, alguns grupos bem intencionados rasuraram a narrativa canônica do modernismo paulista buscando mostrar, de forma relativamente incipiente, que haviam “vários 22”, ocorrendo no Brasil, nas passagens do século XIX para o XX<sup>1</sup>.

A primeira postura não exige de nós nenhum investimento argumentativo, à medida que ela mesmo anula sua validade e importância no momento em que se nega a participar de uma revisão crítica para redundar aspectos muito debatidos e festejados pela tradição canônica. Porém, o segundo modo de encarar a questão nos interessa, pois traz bons apontamentos para uma discussão que esperamos extrapole muito a dimensão desse dossiê, que nem pretende nem pode dar conta deles.

Podemos questionar como projetos de revisão crítica do modernismo brasileiro reafirmam a centralidade da semana de arte moderna de São Paulo, quando canalizam toda a diversidade de produção estética e concepção de arte, e suas formas de se relacionar com a modernidade sob o título de “vários 22”. Essa leitura está correntemente comprometida com duas coisas: 1 – mostrar que o modernismo irrompeu concomitantemente em vários lugares do Brasil e, em alguns cenários, antes mesmo de sua emergência em São Paulo; 2 – normalmente essas abordagens restringem-se a afirmar apenas uma antecedência de um ou outra cidade/Estado na produção de nosso modernismo, não se ocupando em buscar uma rasura na ideia de modernidade trazida por São Paulo. Essa postura ficou clara e teve considerável difusão durante 2022, em eventos, e coleções editoriais com esse título ou com referências a ele, e ganhou circulação com os artigos e publicações de Ruy Castro, que defendendo certa centralidade do Rio de Janeiro na modernidade brasileira causou algum frisson, estéreo ao debate tal qual o propomos, é preciso frisar.

---

<sup>1</sup> Alguns poucos eventos conseguiram desviar-se desses dois grandes blocos: Sem anos sem Lima Barreto, produzido pelo SESC Mogi Das Cruzes, e Lima Barreto – Cem anos de modernismo negro e a semana de 22, promovidos por grupos de pesquisa da UFRB, IF Baiano, UNEB e UFBA.

Essa disputa de centralidade regional, de antecipação e protagonismo não interessa a este dossiê. Nossa preocupação é propor não apenas um questionamento de São Paulo como centro da formulação do modernismo brasileiro, mas seus limites em expressar modos de sentir e viver a modernidade experienciados pelas populações negras e, também, indígenas do Brasil.

Portanto, o que nos interessa aqui é pensar os limites políticos, epistemológicos e críticos do projeto modernista entre nós, e isso parte da premissa de que é pouco nos atermos ao fato de que o modernismo não deve ser considerado sempre a partir de São Paulo, esse não é para nós um debate central, antes creio que devemos avançar mais e propor que ele não pode ser pensado apenas a partir do legado eurocêntrico da tradição literária brasileira.

Nesse sentido, cabe reconhecer que a contribuição desse dossiê é ainda singela, mas nosso intuito é antes de mais nada não redundar a maneira complacente pela qual o modernismo foi revisto na maioria dos debates nesse centenário. É necessário se considerar outros sujeitos, repertórios e experiências no estudo da forma como o Brasil se relacionou com o projeto moderno.

Pretendemos, muito modestamente, somar aos estudos de pesquisadores e intelectuais negros, negros e não-negros que há algum tempo assinalam algumas dessas questões.

Boa leitura

Laroyê!